

## SOCIOLINGUÍSTICA: O PAPEL DO SOCIAL NA LÍNGUA

Rodrigo Mazer ETTO<sup>1</sup>

Prof. Dra. Valeska Gracioso CARLOS<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo desse trabalho é percorrer um breve histórico da Sociolinguística Laboviana. Serão apresentados os elementos que constituem essa área de pesquisa, partindo da Linguística de Saussure (2006) e chegando ao papel fundamental de Labov na sua teorização. Dessa forma, serão analisadas as posições de alguns teóricos da linguagem como Bakhtin (1990), Chomsky (1965, 1977) e Benveniste (1989) sobre a relação entre língua e fatores sociais. As teorias da Sociolinguística foram baseadas em Labov (1978, 1982, 2008), e recorreu-se à Tarallo (1994) e Monteiro (2000) para melhor interpretação teórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística; Sociedade; Labov.

### INTRODUÇÃO

Hoje em dia a relação entre língua e sociedade é aceita por muitos pesquisadores que se dedicam ao estudo da língua e, apesar de algumas teorias da linguagem apresentarem interpretações diversas dos fenômenos linguísticos, aproximando-os ou distanciando-os de seu papel na vida social, os estudos sociolinguísticos comprovam ser inegável a relação entre língua e sociedade, sendo, portanto, imprescindível o entendimento desse vínculo quando se discute o fenômeno linguístico.

Para a Sociolinguística, toda língua falada apresenta variações decorrentes da heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, as quais são identificadas e analisadas por meio de pesquisas de campo, em que o sociolinguista registra, descreve e analisa sistematicamente

---

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: [etto.rodrigo@gmail.com](mailto:etto.rodrigo@gmail.com)

<sup>2</sup>Professora da Disciplina Variação Linguística: pluralidade e identidade do Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: [vgracioso@uol.com.br](mailto:vgracioso@uol.com.br)

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

diferentes falares, relacionando essas variações com fatores sociais, numa tentativa de identificar qual fator ou grupo de fatores é o responsável por determinada variação.

Este trabalho se divide em quatro partes: a primeira buscará apresentar o percurso realizado pelos estudos linguísticos até se chegar à Sociolinguística atual. A segunda parte tratará da imprescindível colaboração de William Labov (1978, 1982, 2008) na estruturação, organização e reconhecimento dessa área como campo específico de estudo da linguagem. A terceira abordará os pressupostos teóricos-metodológicos desenvolvidos por William Labov para a realização de uma pesquisa sociolinguística. Por fim, a quarta parte tratará da questão do preconceito linguístico, onde se tentará responder a seguinte pergunta: como a Sociolinguística pode contribuir para a diminuição do preconceito linguístico em relação às variações do Português, nas aulas de Língua Portuguesa ministradas nas escolas?

## 1. O caminho percorrido

De acordo com o trabalho intitulado *Variação e Mudança Linguística* (SALOMÃO, 2011), o termo ‘sociolinguística’ surgiu no ano de 1939 no artigo *Sociolinguistics in India* (HODSON, 1939). Contudo, em virtude do objetivo a que se propõe este trabalho, que é o de realizar resumidamente uma retrospectiva do surgimento da Sociolinguística, serão apresentados, nas próximas linhas, apontamentos de alguns teóricos da linguagem sobre a relação entre língua e sociedade antes do ano de 1939.

Saussure (2006), considerando que a língua possuía uma estrutura fixa e imutável, elabora uma teoria que separa língua e fala, e concentra sua atenção na análise da língua, pois para esse linguista “[...] a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 271).

Treze anos depois, em 1929, contrariando a teoria de Saussure, Michail Bakhtin (1990) defendeu a ideia de que a língua possuía um caráter social, que se realizava através de atos enunciativos em determinada circunstância de interação verbal.

Também contrário à teoria do Criador da Linguística Moderna, Jakobson (1973) em 1960, criticou a homogeneidade da língua defendida por Saussure por compreender que existem inúmeras situações e comunidades linguísticas nas quais os sujeitos interagem de diversas formas e, de acordo com a função e os objetivos de uma dada situação de interação comunicacional, esses indivíduos escolhem determinado código linguístico dentre uma variedade de outros.

Por outro lado, em 1965, Chomsky (1965, 1997) defende a ideia da existência de um falante ideal, inserido em uma comunidade linguisticamente homogênea, cuja competência linguística - a capacidade de compreender e delimitar as regras combinatórias e articulatórias de sua língua, seria o verdadeiro objeto de estudo do linguista e a heterogeneidade da língua não seria considerada.

Para o autor, a língua é um conjunto infinito de frases, que se define não apenas pelas já existentes, mas também pelas frases possíveis, aquelas passíveis de criação através da interiorização das regras da língua, o que torna os falantes aptos a produzir frases mesmo que nunca tenham sido ouvidas por ele.

Em 1968, a relação entre língua e sociedade foi novamente abordada, dessa vez por Benveniste (1989) afirma a possibilidade de estudo, descrição e compreensão da sociedade através da língua, que funcionaria como um instrumento de análise do meio social.

A partir de 1960, a Sociolinguística reivindicou sua posição de campo específico de estudo, e acabou apresentando duas vertentes distintas para se referir a essa área que correlaciona língua e sociedade. Uma delas denominou-se sociolinguística propriamente dita, na qual linguistas e antropólogos teriam como objetivo a descrição e análise da língua na sua relação direta com fatores sociais, ou seja, a influência de

elementos socioculturais no fenômeno linguístico. A outra ramificação, a sociologia da linguagem, teria como foco estudar e compreender a influência da linguagem no comportamento de uma sociedade, onde cientistas sociais e alguns linguistas procurariam interpretar o efeito da língua na sociedade (PAULSTON; TUCKER, 2003).

Para a Sociolinguística a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática”, fato que permite a identificação e demarcação de diferenças sociais na comunidade, constituindo-se como parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio de estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

Na sua formação, a Sociolinguística utilizou-se de basicamente três disciplinas: a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, e pôde mesclar as contribuições de cada uma dessas áreas. A Antropologia colaborou com seus conhecimentos de etnografia, a Sociologia com seu cabedal teórico-metodológico e a Linguística com suas teorias sobre a linguagem, e a união de pesquisadores dessas três áreas do conhecimento muito cooperou para o fortalecimento do que conhecemos hoje como Sociolinguística.

Em 1964, William Bright (1966, 1974) organizou, na Universidade de Los Angeles, uma escola teórica dessa nova área de estudos, e juntamente com a colaboração de outros linguistas presentes, definiu a diversidade linguística como objeto de estudo da Sociolinguística. Segundo Monteiro (2000), Bright definiu os fatores condicionantes do fenômeno da diversidade linguística como aqueles ligados ao falante, ao destinatário, às suas identidades sociais e ao contexto em que se dá a comunicação, mas ainda deu à Sociolinguística um papel complementar, ou subordinado às três áreas que lhe deram origem: a Linguística, a Sociologia e a Antropologia.

Presente nesse encontro de linguistas promovido por Bright (1966, 1974), William Labov considerava a existência de um só tipo de linguística, a social, e achava não haver motivos para se destacar o caráter social da língua na denominação dessa nova área de estudos (LABOV, 2008).

## 2. A Sociolinguística Laboviana

Labov foi o criador desse modelo teórico metodológico, a Sociolinguística – que consiste em uma ciência da linguagem social que estuda a coexistência de variantes linguísticas e suas probabilidades de uso. Esse modelo de análise linguística trabalha com números e estatística dos dados coletados e sua principal característica, em contraposição ao modelo gerativista, é que Labov “o propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 1994, p. 7).

Através de sua famosa dissertação de mestrado sobre as variações do inglês utilizado por habitantes da ilha de Martha’s Vineyard (LABOV, 2008), realizado em 1963, Labov analisou a relação entre fatores sociais como etnia, sexo, ocupação e idade com a linguagem usada pelos nativos dessa ilha localizada no estado americano de Massachussets, focalizando seu estudo na pronúncia de certos fonemas do inglês falado por essas pessoas.

Ele constatou que o uso dos ditongos *au* e *ay* servia para os falantes se identificarem como nativos, contrapondo com as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha, o que mostrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, servia para a construção de sua identidade social, como descendentes dos *Yankees*, o grupo étnico que colonizou a ilha no século XVII.

Esses habitantes ressentiam-se da presença dos veranistas do continente, considerando sua presença uma invasão cultural e econômica, portanto, marcavam a pronúncia desses ditongos como forma de resguardar sua cultura e seu espaço. Por outro lado, essa pesquisa também revelou que o uso da forma padrão, de maior prestígio, demonstrava um sentimento de insatisfação, uma vontade de deixar a ilha, ou seja, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos.

Discordando da ideia de homogeneidade linguística defendida por Saussure (2006) e do conceito de falante ideal defendido por Chomsky (1965, 1997), para Labov a língua não é propriedade do indivíduo, mas sim da comunidade, fato que o leva a crer que o novo modo de fazer linguística é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008, p.259).

A Sociolinguística é também conhecida como Teoria da Variação, pois seus pesquisadores procuram analisar as variações que estão em coocorrência, as usadas ao mesmo tempo, e as concorrentes, as formas linguísticas que concorrem entre si.

A Teoria da Variação de Labov, cujo propósito é estudar as variações linguísticas, suas estruturas e evolução no contexto social de determinada comunidade, cobre a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (LABOV, 2008, p. 184).

Esse modelo se ocupa das variações sistemáticas da língua falada chamadas de variantes linguísticas, que são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, e “a um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*” (TARALLO, 1994, p. 08).

Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável. A título de exemplo, em um determinado enunciado podem-se ter as variáveis linguísticas concordância, ou não concordância do verbo com o sujeito, muito praticadas por diversos falantes na linguagem cotidiana. Outro bom exemplo são as diversas formas lexicais que as palavras assumem em certas culturas ou tradições, como o caso das variações linguísticas conhecidas como gírias que, de acordo com os fatores sociais que incidem sobre os grupos de falantes que as praticam, possuem significados diferentes para palavras ou termos usados na linguagem formal, padronizada.

Com relação a esses dois exemplos, apesar de serem praticados por diversos falantes no dia a dia, tanto a não concordância do verbo com o sujeito quanto a utilização de gírias na linguagem oral não são considerados gramaticalmente adequados, de acordo com as regras prescritas pela norma padrão ou culta da Língua Portuguesa.

As variáveis linguísticas classificam-se em dependentes e independentes. As primeiras são o próprio fenômeno a ser estudado, como por exemplo, a ocorrência da concordância nominal em determinado enunciado, cujas variáveis seriam o uso ou não da regra de concordância gramatical. Já as independentes dizem respeito aos fatores linguísticos internos (estruturais) e os externos (socioculturais).

Para analisar estatisticamente um fenômeno variável, o estudo sociolinguístico busca calcular o peso ou influência de cada fator, os linguísticos e os socioculturais, na ocorrência de determinada variação em um determinado momento, sincronismo, ou ao longo do tempo, diacronismo, numa tentativa de aproximação dos fenômenos sincrônicos e diacrônicos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

A aproximação entre diacronia e sincronia possibilita o entendimento do processo de mudança, não através das transformações radicais, pois[...] para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação. [...] a partir de tais e tais características estruturais e de tais condições de funcionamento, o sistema, quase que preditivamente, caminhou na direção X e não na direção Y (TARALLO, 1994, p. 25-26).

Para compreender a forma que uma variante se dissemina dentro de uma comunidade de fala, a pesquisa sociolinguística investiga se há tendência de mudança, podendo utilizar alguns instrumentos para essa análise, como por exemplo, testes de julgamento pessoal, que, através da opinião dos entrevistados, possibilitam a observação, pelo pesquisador, dos valores pessoais dos falantes sobre determinada variante.

Tanto a análise da influência dos aspectos linguísticos e socioculturais, quanto a observação da reação dos falantes diante de determinadas variantes, contribuem para identificar os motivos de determinada mudança e sua implementação pela comunidades de fala (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1978).

Contrariando a homogeneidade linguística das teorias estruturalistas, a Sociolinguística procura explicar a heterogeneidade da língua, através da análise de fatores internos e externos ao sistema linguístico, pois ela "parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível" (MOLLICA, 2004, p. 10).

### **3. A Metodologia**

A Sociolinguística se interessa pelas variações linguísticas que podem ser explicadas sistematicamente, entendendo-se como variação sistemática a maneira alternativa de dizer a mesma coisa, desde que essa maneira seja portadora do mesmo significado referencial (LABOV, 2008, p. 78).

A metodologia de uma pesquisa sociolinguística exige que os dados sejam coletados por meio de entrevistas estruturadas, previamente elaboradas pelo pesquisador.

Para que se cumpra o caráter quantitativo que caracteriza a pesquisa sociolinguística é necessário que seja coletado um grande número de dados, que serão estatisticamente analisados posteriormente, e relacionados aos fatores sociais condicionantes, como faixa etária, escolaridade, sexo, nível socioeconômico e formalidade ou informalidade do falante.

A Sociolinguística propõe algumas etapas a serem percorridas para a análise de grupos de fatores, visando à facilitação no trabalho de quantificação de dados, como a consideração do contexto fonológico,

classe morfológica, posição da variável e o estatuto morfológico da palavra que contém a variável (TARALLO, 1994).

O primeiro passo para a realização de uma pesquisa sociolinguística é a escolha do tema que será abordado, ou seja, é a delimitação do seu objeto de estudo. Segundo Tarallo (1994), algumas perguntas devem ser respondidas para que não ocorram problemas em alguma fase posterior, como: qual o tipo de comunidade de fala; quais as características dessa comunidade; quantos informantes serão necessários para a constituição da amostra e, por fim, como entrar em contato com os informantes.

Posteriormente, é necessária a seleção dos informantes a partir de fatores extralinguísticos como idade, sexo/gênero, nível socioeconômico, localidade, etc. A fase seguinte será a realização de entrevistas, previamente elaboradas, no sentido de direcionar o informante para o uso de uma fala espontânea e natural, as quais serão registradas em gravações para posterior análise dos dados.

O próximo passo consiste na transcrição dos registros orais dos informantes, com o objetivo de procurar e destacar o objeto de estudo em questão e verificar quais fatores são os condicionadores da variação. Nessa etapa, cada fator é constituído de subfatores, e para cada subfator deve-se atribuir um valor representado por letra ou número para posterior quantificação dos dados.

A etapa de codificação refere-se a uma seleção dos fatores que podem determinar a ocorrência de determinadas variantes, como por exemplo, o uso ou o não uso de gírias. Esses fatores podem estar ligados a contextos linguísticos ou não, e serão associados a símbolos (letras ou números) para serem submetidos a uma análise quantitativa. Esse tratamento estatístico da pesquisa sociolinguística serve para verificar a frequência com que cada fator pode interferir na escolha feita pelos falantes, porque considera o resultado dos cálculos do uso das variantes e o peso relativo de cada um.

Para interpretação dos dados, faz-se a análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos a partir do número de ocorrências da realização e não-realização do fenômeno estudado.

Labov (2008) recomenda uma precaução para se evitar ou minimizar possíveis influências negativas decorrentes da presença do pesquisador e do gravador diante do entrevistado, o que ele denominou de paradoxo do observador.

Essa recomendação consiste em observar e registrar, sem ou com poucas interferências, as falas dos entrevistados, através do uso da entrevista sociolinguística, previamente estruturada por meio de um roteiro de perguntas pré-estabelecido, em que o pesquisador estimule o entrevistado a narrar algumas experiências pessoais, fazendo-o focar sua atenção nas suas próprias lembranças e não no processo de entrevista, tirando do informante qualquer tipo de preocupação com a forma ou com a estrutura narrativa, permitindo que o processo comunicativo ocorra de maneira natural.

Portanto, a própria orientação teórica da Sociolinguística recomenda muito cuidado do pesquisador para manter-se neutro durante a interação com o entrevistado, sendo que essa precaução também deve permitir que sua presença se torne o mais natural possível dentro da comunidade estudada, para que a naturalidade do evento não seja quebrada.

Fernando Tarallo (1994) aponta outros cuidados a serem tomados pelo pesquisador no momento da coleta de dados, como inserir-se na comunidade através da ajuda de terceiros; deixar claro para o entrevistado a possibilidade de inutilização da gravação, se ele assim o desejar; ajustar seu comportamento ao da comunidade em que se encontra; estabelecer critérios para a seleção de informantes e, principalmente, não deixar explícito que seu objetivo é estudar a língua.

Partindo na noção de prestígio, em que as variantes estão sempre em relação de concorrência, como por exemplo, padrão e não-padrão,

conservadoras e inovadoras e de prestígio e estigmatizadas, onde a variante padrão é a mais conservadora e de maior prestígio social, e a não-padrão é a variante inovadora e estigmatizada, a pesquisa sociolinguística procura identificar as mudanças linguísticas em andamento e também as variações estáveis, através da correlação dos fatores sociais com fatores linguísticos.

A análise das variáveis permite constatar se o processo de variação vai vigorar por muito tempo dentro de um grupo de falantes, como é o caso das variáveis estáveis, ou se vai ocorrer predominância e mudança de uma forma linguística sobre outra, como ocorre com as variáveis com mudança em progresso.

Um bom exemplo de situação de variável estável ocorre com pessoas pertencentes às classes de maior status social e com maior nível de escolaridade, que apresentam maior frequência de uso das formas de prestígio do que os falantes de classes sociais mais baixas (LABOV, 1982, p. 77-78).

Outro exemplo, agora envolvendo uma situação de mudança em progresso é a constatação de Chambers e Trudgill (1980, p. 91-93) de que os falantes com idade intermediária costumam apresentar maior frequência de uso de formas inovadoras. Esses mesmo autores afirmam que na análise das variáveis estáveis, as faixas etárias intermediárias apresentam maior frequência de uso das formas de prestígio.

A metodologia laboviana para sistematizar determinada variação linguística abrange basicamente cinco etapas. Inicialmente é preciso que seja realizado o levantamento de dados da língua a ser estudada, seguida da descrição da variável em questão. A terceira fase corresponde à análise dos fatores que condicionam tal variação, e a quarta e quinta etapa correspondem ao encaixamento da variável e sua projeção histórica, respectivamente.

Para a análise de um fenômeno de variação linguística a intuição do pesquisador será de grande valia, para que possa detectar os fatores ou grupo de fatores que condicionam determinada variação, os quais

podem ser de natureza interna - como o status informacional do falante, ou externa - como faixa etária, classe socioeconômica ou etnia.

Após ter coletado informações do entrevistado cabe ao pesquisador trabalhar estatisticamente com os dados para que possa identificar quais os grupos de fatores são os responsáveis pela ocorrência de uma dada variação e quais não o são.

#### **4. Discriminação pela linguagem: o preconceito linguístico**

A diferença de posições no tabuleiro social e a hierarquização dos grupos que compõem uma sociedade permitem que as variedades linguísticas destaquem a posição social de seus falantes, consideradas superiores ou inferiores, e proporcionem o surgimento de atitudes e comportamentos preconceituosos em relação a variedades da língua que fogem à regra padrão. Segundo Bagno (2004),

[...] [o] preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente (BAGNO, 2004, p. 38).

Monteiro aponta o fato de que “um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem” (MONTEIRO, 2000, p. 65), e reforça que uma variação linguística pressupõe valor social, ou seja, variantes empregadas por falantes de estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas; todavia, à proporção que essas variantes passam a ser usadas por outros grupos, o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente, se aceita pela classe dominante.

Embora tenhamos a impressão de sermos totalmente livres para nos expressar, pois dizemos o que queremos e, aparentemente, como queremos, a liberdade de uso da linguagem é circunscrita, devido ao fato de ser a língua um fenômeno social.

Para Biderman (2001), o condicionamento da fala e da estrutura da língua impõe ao indivíduo um mecanismo de automação no exercício da linguagem. O ato de comunicação tem essas duas faces paradoxais: as coerções impostas pelo sistema linguístico e a liberdade relativa que tem o sujeito de usar os elementos constitutivos da língua.

Então, para tentar responder a pergunta formulada na introdução deste artigo, com base nos conceitos da Teoria da Variação, primeiramente é necessário que a os cursos de graduação em Letras tenham em sua grade curricular a disciplina de Sociolinguística, e que ela seja ministrada com a mesma importância que se dá às demais disciplinas que compõem esses cursos.

Isso permitirá que os professores em formação tenham familiaridade com os conceitos da Teoria da Variação, permitindo a incorporação desses pressupostos teóricos e metodológicos ao pensamento linguístico atual, e contribuindo para que esses conhecimentos sejam postos em prática quando iniciarem sua carreira docente.

Em segundo lugar é preciso que a ideia de homogeneidade da língua seja posta de lado pelos professores que se dedicam atualmente ao ensino da Língua Portuguesa, pois ao aceitar o fenômeno da variação como característica inerente a todas as línguas, o próprio conceito de certo e errado se torna relativo ao contexto comunicacional.

Essa interpretação heterogênea da língua vai possibilitarão professor entender que o uso das variações não deve ser discriminado em sala de aula, pelo contrário, elas devem servir como ponto de partida para o ensino das formas mais prestigiadas, pois provavelmente, essa transição de uma forma desprestigiada para uma forma padrão irá facilitar o processo de aprendizagem dos alunos e colaborar para a

desconstrução de práticas pedagógicas monolíngues que favorecem o surgimento e ocorrência do preconceito linguístico.

Com o estudo e a aplicação de seus postulados teórico-metodológicos, a Sociolinguística pode realizar uma grande contribuição para a desconstrução de atitudes e comportamentos discriminatórios decorrentes da linguagem, que reforçam ainda mais os processos de exclusão social, presentes na sociedade atual, pois

[...] o preconceito linguístico tem sido um ponto bastante debatido na área, uma vez que se nota ainda a predominância de práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, que tomam como referência o padrão culto. [...] os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (MOLLICA, 2004, p. 13).

Uma maneira de possibilitar o entendimento das variações linguísticas é a utilização de textos como letras de música, notícias de jornal, recursos de áudio e vídeo, e outros que mostrem as variações sendo utilizadas como recurso para a construção de sentido ou como uma ferramenta para caracterizar um tipo de personagem em dada obra, que pode vir a colaborar para o despertar da consciência dos alunos no uso das variantes linguísticas e possibilitar que eles utilizem várias formas, segundo a circunstância e o contexto de comunicação.

### **Considerações Finais**

A variação linguística pode ser verificada em todas as sociedades, até mesmo em comunidades primitivas, e conforme as sociedades vão se tornando mais complexas, seus integrantes assumem mais papéis sociais, possibilitando que ocorram mais fenômenos de variação linguística (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 111).

Essa posição, que considera como característica de todas as línguas a capacidade de sofrerem variações, é compartilhada por muitos linguistas brasileiros como Faraco (2008), Mussalin e Bentes (2009) e Silva e Moura (2000) e outros.

Contrária à ideia de homogeneidade linguística das teorias estruturalistas (SAUSSURE, 2006), a Teoria da Variação, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, considera a língua dotada de “heterogeneidade sistemática”, o que indica, portanto, ser parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio das estruturas heterogêneas.

Essa heterogeneidade permite a identificação dos vários grupos sociais que compõem uma sociedade, e sua ausência seria considerada disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

Para a Sociolinguística, não existe um único código linguístico absoluto que deva nortear a fala de todos porque a própria variedade linguística reflete a variedade social, e dentro de uma variação, uma sentença pode não estar de acordo com as normas gramaticais propostas pela norma padrão, mas pode estar linguisticamente correta, pois realiza uma comunicação efetiva.

Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (MOLLICA, 2003).

Portanto, fica clara a necessidade de se desfazer os comportamentos preconceituosos e discriminatórios com relação aos usos da língua, sendo as consequências destes, nocivas à cultura brasileira e ao ensino de qualidade, pois tratar da norma culta e padrão, não significa dizer que se deve escrever como se fala, e sim, escrever de acordo com os diversos contextos sociais relacionados aos vários tipos de usos da língua, levando-se em conta a dinamicidade e a evolução presente em todas as línguas que permitem inúmeras possibilidades aos falantes.

O entendimento da relação entre língua e fatores sociais favorece a compreensão sobre a origem e uso das variações linguísticas, permitindo a desconstrução de preconceitos e uma mudança de postura em relação à predominância de uma política monolíngue, que prega o uso da norma padrão, e pode contribuir para a elaboração de futuras políticas linguísticas que levem em consideração o caráter pluricultural e multilíngue da sociedade atual e a coexistência entre variantes linguísticas e normas padrão e culta.

Dessa forma, a concepção de línguas como realidades homogêneas e estáticas há muito foi abandonado, pois estudos mostram que, ao contrário, as línguas são dinâmicas, sofrem variações e se transformam com o tempo, o uso e, apesar de estarem sempre em movimento, as línguas continuam oferecendo recursos capazes de atender plenamente às necessidades do falantes, sem perder o caráter de sistema estruturado e organizado (FARACO, 2005).

Espera-se que este trabalho possa contribuir para a luta contra o preconceito e discriminação social pela linguagem, possibilitando reconhecer que os falantes de diferentes variedades linguísticas têm o direito de conhecer a norma padrão sem, contudo, deixar de praticar as variedades de suas culturas.

Isso pode favorecer sua maior participação na vida pública e política, auxiliando-os a sair da condição de exclusão social em que tais falantes se encontram, pois as variações linguísticas são mais um recurso que o falante pode utilizar na comunicação diária, que favorece a aproximação dos interlocutores em uma dada situação de interação comunicacional.

Este trabalho não tem a pretensão de abranger a história da Sociolinguística na sua totalidade, com apresentação e perfeita ordem cronológica de todos os pesquisadores e teorias da linguagem que culminaram com o surgimento da Sociolinguística, pois existem diversas formas de se olhar para o fenômeno linguístico e, mesmo

dentro da área onde é consenso a relação entre língua e sociedade, existem contrapontos nos quais divergem alguns autores.

Desde o nascimento da linguística moderna, com Ferdinand Saussure (2006), passando por teorias de Bakhtin (1990), Jakobson (1973), Chomsky (1965, 1977) e Benveniste (1989), diferentes teorias e sistemas de descrições têm sido elaborados buscando a compreensão da língua e sua delimitação como campo científico de estudo, todavia, pode-se afirmar que a Sociolinguística permitiu, assim, o estudo científico de fatos linguísticos excluídos até então do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e conseqüente dificuldade de apreensão.

CARLOS, V. G.; ETTO, R. M. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 721-739, 2017.

## SOCIOLINGUÍSTICS: THE ROLE OF SOCIAL IN THE LANGUAGE

**ABSTRACT:** The objective of this work is to present a history of Labovian Sociolinguistics. The elements that constitute this area of research will be presented, starting from the Linguistic of Saussure (2006) and arriving at the fundamental paper of Labov in its theorization. In this way, the positions of some language theorists as Bakhtin (1990), Chomsky (1965, 1977) and Benveniste (1989) on the relationship between language and social factors will be analyzed. The theories of sociolinguistics were based on Labov (1978, 1982, 2008), and Tarallo (1994) and Monteiro (2000) were used for a better theoretical interpretation.

**KEYWORDS:** Linguistic; Society; Labov.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 29<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

- BENVENISTE, E. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fonte, 2001.
- BRIGHT, W. *Sociolinguistics: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964*. Vol. 20. Mouton & Company, 1966.
- \_\_\_\_\_. As dimensões da sociolinguística. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts, the MIT Press, 1965.
- \_\_\_\_\_. Conhecimento da História e construção teórica na Linguística Moderna. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 13. SPE, 1977, p. 133-155.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, SP: Parábola, 2008.
- HODSON, T. C. Sociolinguistics in India. In: *Man in India*, v. 19, p. 94-98, 1939.
- JAKOBSON, R. *Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências*. Lisboa: Bertrand, 1973.
- LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistic Working Papers*, 1978, p. 43-88.
- \_\_\_\_\_. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, 17-92.
- \_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LÓPEZ MORALES, H. *Sociolinguística*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1993.
- MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.
- MONTEIRO, J.L. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução á linguística-domínios e fronteiras*. Editora Cortez, 2009.
- PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. History of sociolinguistics: introduction. In: *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

ETTO, R. M. / CARLOS, Prof. Dr<sup>a</sup>. V. G.

SALOMÃO, A. N. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. In: *Revista Fórum Linguístico*, 2011.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, F. D. e MOURA, H. M. D. M. *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis/SC: Insular, 2000.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1994.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.